

*A menina das bolhinhas de sabão:  
uma jornada rumo à alteridade*

---

letrônica

---

Ana Munari\*

Os heróis já não são os mesmos. Na sociedade em que a mágica é tecno-biológica, não há espaço para heróis de frágeis calcanhares. Esses habitam as telas do cinema e as histórias em quadrinhos, afetando-nos ainda na perspectiva do que sempre quisemos ser e nunca fomos – imortais –, o que enfim eles acabaram por se tornar nas páginas dos clássicos.

O herói romanesco – buscando os valores perdidos – descobriu a inexistência do autêntico: a beleza tornou-se um recurso artificial, a verdade desapareceu com a totalidade e relativizou-se em múltiplos ângulos, a pureza extinguiu-se no híbrido. Esses heróis – românticos, realistas, modernos – perderam-se na fugacidade do tempo na era da velocidade, viram-se sozinhos num mundo em que nada mais é evidente.

O herói contemporâneo precisou parar para pensar: introjetou-se. Mas por pouco tempo: seja voando – por conta própria ou de foguete –, cavalgando um belo corcel ou transpondo os limites do tempo, esse herói rompeu a moldura das páginas e arriscou suas descrenças em outros mundos. Descendente dos deuses e semideuses, a identidade desse herói é tão múltipla quanto seu espaço: tanto pode ser o super-herói das histórias em quadrinhos como o homem comum que trava uma batalha por dia na cidade ou no campo. Se os papéis do herói, segundo Campbell, “variam em termos de magnitude de acordo com as necessidades da época” (CAMPBELL, 1995, p.170), pode-se assim explicar a confluência de tipos que habitam os mais variados suportes de nossa era – marcada pelo plural em todos os sentidos: da literatura, passando pela televisão, cinema, banda desenhada, internet –, em que cada um tem seus heróis. Por tal, o herói contemporâneo nasce de todas as camadas sociais e com elas se identifica: tanto pode ser exemplar, corajoso, belo, forte, como rico, famoso ou estranho. O herói de papel pode tanto ter nascido na tela e para lá migrado, como ainda pode ser o eterno cavaleiro da triste figura a inspirar o nascimento de tantos outros heróis. A

---

\* Doutoranda em Teoria da Literatura pela PUCRS, atualmente é bolsista CAPES, pesquisando a recepção de *Harry Potter* através da escrita do leitor na internet, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr. Vera Teixeira de Aguiar.

viagem pode também ser rumo ao leitor: desde Telêmaco os heróis adultos depositam suas armaduras no território infantil, geralmente com o mesmo propósito de servir de exemplo aos pequenos. Por onde passaram os companheiros de Ulisses e ainda alguns cavaleiros rumo às cruzadas, animais falantes e cheios de moral e até a turma aventureira de Robinson Crusóe e Gulliver, também passaram príncipes, reis, bruxas, fadas, sapos, gatos e brinquedos.

Se o homem já era herói de si mesmo no romance, na literatura infanto-juvenil era esse mesmo homem que assumia o papel de herói, um adulto – seja travestido de animal, rei ou mesmo criança – que tinha por missão educar e formar a infância recém descoberta. Até que chegou Alice e fez o contrário, rompendo a lógica do tamanho: habitando a fronteira entre o real e o imaginário, diminuindo e crescendo, Alice até hoje encanta crianças e confunde adultos, que insistem em desvendar o jogo simbólico tão natural ao universo infantil. E hoje adultos e crianças se divertem e se identificam com os mesmo heróis, quer seja um grupo de meninas poderosas a destruir monstros ou um jovem bruxo a enfrentar o mais terrível vilão, quer seja um médico mal-humorado salvando vidas.

No Brasil, Monteiro Lobato foi o “gente grande” que colocou uma porta entre a fantasia e a realidade e pôs as crianças a atravessá-la. Precursor em vários sentidos, desde a tomada de temas nacionais até a inclusão do debate crítico sobre assuntos geralmente circunscritos ao mundo adulto, sua grande inovação também foi, conforme Zilberman (1994), ter entregado à criança o papel do herói, abrandando a presença do adulto repressor e autoritário e fazendo valer a opinião da infância, estimulando sua curiosidade, criatividade e autonomia.

A partir daí, a literatura infanto-juvenil apresenta muitos desses aspectos herdados de Lobato, e ao herói-criança foram transferidas tarefas as mais diferentes e difíceis. Da mesma forma que o herói romanesco precisou adaptar-se ao mundo degradado para se transformar no herói contemporâneo, esse herói infantil também sofreu os desafios da tomada de identidade e espaço. Se a escola e a família impunham-lhe um lugar socialmente marcado, o imaginário, por outro lado, tornava-se a forma de transpor esse real e tomar dos poderes de um verdadeiro herói. Essa é uma tendência, também herdada de Lobato, da literatura infantil e juvenil atual, a que Nelly Novaes Coelho (1991) chama de *híbrida*, porque:

parte do real e nele introduz o imaginário ou a fantasia, anulando os limites entre um e outro. É talvez, a mais fecunda das diretrizes inovadoras. Os universos por ela criados se inserem na linha do Realismo Mágico, tão em voga na Literatura Contemporânea. Comumente, seu espaço básico é o próprio cotidiano, bem familiar às crianças, onde de repente entra, de maneira natural, o estranho, o mágico, o insólito...(COELHO, 1991, p. 265)

Depois que escola e família dividiram os papéis, cabendo à primeira a educação e à segunda o afeto, encontramos novamente aquele herói solitário que precisa adaptar-se ao mundo. Mas nem o solitário resignado, nem o rebelde, esse herói-criança de que aqui tratamos depara-se com um problema bem real: a mudança da configuração da família contemporânea. Este é o herói cuja trajetória propomos a analisar: um herói que representa a nova infância e que atravessa a linha da fantasia como forma de resolver os conflitos da realidade que ele percebe e enfrenta.

Ana Maria, (de) *A menina das bolhinhas de sabão*, é essa heroína. Criada em 1987 por Antonio Hohlfeldt, sua história representa, de certa forma, um momento de transição, percebido, assim, apenas numa perspectiva de olhar atual para o passado. Embora há muito as mulheres tenham trocado o trabalho doméstico e a educação dos filhos por uma atividade remunerada – necessidade premente na sociedade capitalista do pós-guerra – Ana Maria ainda se vê órfã dessa mãe trabalhadora. Se não há mais avós dispostas a cuidarem dos pequenos, por outro lado ainda não estamos na era do computador babá, e Ana Maria parece não ser uma fã da Xuxa, uma das poucas atrações de que dispunha a babá eletrônica da época. A transição, dessa forma, se configura porque, de um lado, Ana Maria perdeu as referências sócio-afetivas da presença da mãe no lar, e, por outro, não utiliza as referências da televisão – pelo menos não a profusão da programação destinada ao público infantil hoje –, e ainda não dispõe do computador e da internet e da multiplicidade de atividades que são atualmente oferecidas às crianças nos períodos em que elas não estão na escola, como o estudo de línguas, as atividades esportivas e recreativas, etc.

Por tal, Ana Maria, embora traga a marca de um problema ainda presente na sociedade contemporânea, é uma heroína fixada em determinado tempo. Da mesma forma, encontra-se inserida em uma determinada camada social onde essa situação torna-se um problema vigente – uma classe média, em que os pais têm bons empregos, há uma empregada que substitui a mãe no trabalho doméstico e onde as necessidades básicas estão todas satisfeitas, como uma das personagens, a empregada Filomena, faz questão de salientar: “Você não tem casa, comida, cama, roupa lavada e escola? O que mais você quer?” (HOHLFELDT, 1997, p. 12). Ana Maria quer fazer valer sua vontade de viajar.

Apontar os conflitos e desejos da infância é uma característica dessa literatura infantil e juvenil pós anos 70, já numa perspectiva emancipatória em que todos os temas servem de pano de fundo para promover a que a criança compreenda a sociedade e se torne um cidadão capaz e participativo. Nesse contexto foi que surgiram muitas obras que tratavam da inclusão

da criança e do jovem nos mais diversos setores sociais, buscando desmitificar seu próprio papel e seus limites e buscando remeter a criança ao seu próprio cotidiano, como forma de adaptá-la ao seu universo.

É a partir dessa perspectiva que analisamos a trajetória da personagem Ana Maria, como uma heroína cuja jornada orienta-a à percepção e compreensão da problemática em que ela está inserida, promovendo a sua adaptação a um contexto de realidade que precisa ser aceito, e não modificado. O movimento dessa jornada é explicado através dos arquétipos do herói explicitados por Carol Pearson em *O herói interior*:

A jornada aqui descrita é antes circular ou espiral do que linear. Inicia-se com a confiança total do Inocente, passa à ansia de segurança do Órfão, ao auto-sacrifício do Mártir, à exploração do Nômade, à competição e triunfo do Guerreiro e por fim à autenticidade e totalidade do Mago. (PEARSON, 1997, p. 23)

Tal trajetória constitui-se num movimento realmente circular – que parte do arquétipo do Inocente e a ele retorna – na perspectiva de que Ana Maria não passa para a fase adulta, mas permanece na infância, atingindo, no nível do Mago, a alteridade, necessária para que possa conviver harmoniosamente na família e na sociedade. Adaptando ainda a teoria ao contexto da personagem, Ana Maria não passa pelo arquétipo do Guerreiro, o que a própria Pearson explica ser uma característica possível da trajetória das personagens femininas, biologicamente conduzidas à maternidade e socialmente orientadas a cuidarem dos filhos, o que as afasta desse arquétipo, que precisa enfrentar e destruir o *dragão*, e, por tal, deixar o lar:

Em sua maioria, as mulheres são Mártires ou atravessam rapidamente o estágio de Nômade e Guerreiro e começam então a passar pelo estágio do Mago. Dependendo do grupo feminino, pode-se argumentar que o arquétipo do Mártir é nitidamente feminino, em contraste com o modo do Guerreiro, distintamente masculino, ou então que o modo do Mago constitui o novo sistema feminino emergente, em contraste com o velho feitiço patriarcal do Guerreiro. (PEARSON, 1997, p. 34)

A heroína contemporânea, desafiada por esse *dragão*, costuma afrontá-lo, mas não é o caso de nossa pequena Ana Maria, cuja tarefa ainda não exige enfrentamentos fora do âmbito da família e de sua própria condição Inocente.

O ponto de partida da trajetória de Ana Maria é a consciência do problema que a aflige: uma falta. A ausência dos pais transfere-a do arquétipo do Inocente para o de Órfão, cujas características, conforme Pearson, são a busca pela segurança, o medo do abandono e a tentativa de encontrar soluções através da interrogação junto a determinadas autoridades. O título do primeiro capítulo indica a problemática da personagem: “Solitária Ana Maria”.

Ana Maria reveste-se do arquétipo do Órfão na medida em que, primeiro, reconhece sua carência, transferindo aos pais a razão da sua insatisfação. Comprova-se, ainda, seu perfil Órfão, na medida em que os pais ignoram sua condição de dependência desse afeto, sequer chamando-a pelo nome: para eles, ela é “a menina”. Aqui, podemos referir a tarefa de Ana Maria em sua jornada heróica: a conquista de uma identidade a partir da alteridade, da descoberta do outro. Confusa com sua solidão, a personagem interroga frequentemente os pais sobre suas férias, a empregada sobre sua disponibilidade de tempo e a todos sobre a necessidade do trabalho. Insiste em chamar a atenção da atarefadíssima Filomena. A presença dos pais, para ela, é algo tão premente como o trabalho o é para os adultos, e sua ausência incomoda-a tanto como o fato de ela ser obrigada a comer feijão – as três necessidades encontram-se no mesmo patamar. Sua insistência em exigir as tão aguardadas férias condiz com as características da tarefa do arquétipo do Órfão: a esperança, a superação da rejeição.

Mas logo Ana Maria se cansa de perguntar e se submete à ordem das coisas: assume o arquétipo do Mártir, cuja tarefa é a capacidade de renunciar e cujo propósito é a bondade e a responsabilidade. É assim que ela resolve ter sua própria atividade, a que ela compara a um trabalho – o lúdico como a única tarefa dessa infância, além da escola: fazer bolhinhas de sabão. Cansada de chorar, ela tratava de inventar brincadeiras solitárias, até que descobre certa tarde que o talo de mamoneiro é oco por dentro. Filomena propõe-se a ensiná-la a fazer bolhas de sabão, mas logo se mostra incapaz e desiste, deixando Ana Maria a aprender sozinha. A capacidade do Mártir está em justamente aprender sozinho, a renunciar a lição dos outros.

A brincadeira de Ana Maria com as bolhas é o sinal de que sua viagem será uma jornada interior, simbolizada pelo fechamento da bolha. Ao mesmo tempo, a bolha representa essa redoma em que foram colocadas as crianças a partir da descoberta da infância. Vistas como puras, inocentes, em processo de formação, cabia à família protegê-las e isolá-las do mundo adulto. Ainda nessa perspectiva de uma nova configuração da família a partir do advento da burguesia e da criação da escola, cabia aos familiares o processo de inclusão dessa criança na sociedade. Ana Maria, no entanto, está isolada em casa, afastada do mundo, mas também dos pais e da afetividade que poderia proporcionar sua socialização.

Quando aprende a fazer bolhinhas, Ana Maria percebe que quanto mais triste se torna, mais cresce a bolha. Seu desejo de viajar começa a fluir novamente, junto com as bolhinhas que se espalham no ar. A personagem está entrando no arquétipo do Nômade, cujo propósito é justamente o requerido pela personagem em suas brincadeiras solitárias: autonomia. Além disso, a tarefa do nômade é buscar sua identidade, e seu propósito é a independência. Aqui é

importante assinalar que a realização dessa heroína criança não é a mesma de um herói adulto, cujo propósito com a independência regula-se por outros critérios. Para Ana Maria, a autonomia e a independência significam justamente a capacidade de aproveitar o que ela dispõe para brincar, para estar bem consigo mesma, sem esperar pelos outros. Essas qualidades também se constroem pela perspectiva da alteridade: a descoberta, a consideração do outro, o respeito e o diálogo nos relacionamentos interpessoais. Para Piaget (1978), é entre os sete e os onze anos, no decorrer do terceiro estágio de seu desenvolvimento (das operações concretas), que a criança vai ultrapassar seu egocentrismo e mostrar mais evidentemente suas relações de alteridade. E é essa alteridade que a jornada de Ana Maria vai buscar.

Enchendo a bolhinha de sabão com toda a força da sua tristeza, Ana Maria se descobre dentro da bolha e percebe que pode viajar dentro dela. No início, ainda não sabe como guiar a bolha, até que descobre que pode manejá-la através do pensamento. Deve ser por isso que Filomena mostrou-se inapta para essa brincadeira: ela exige imaginação. A jornada do arquétipo heróico do Nômade, conforme Pearson, começa no cativo, quando o herói percebe que o outro é responsável por sua infelicidade, e sua primeira incursão geralmente consiste em um movimento ainda incontrolável ou infrutífero.

Ana Maria, ao perceber que pode imaginar seu destino, chega ao Bosque da Curiosidade: um lugar cheio de flores e borboletas, como bem concretiza o imaginário infantil dos lugares de fantasia e idílio. Lá, ela encontra o Vendedor Ambulante, que a chama pelo nome. Para Philippe Ariès (2006), o nome pertence ao mundo da fantasia, do subjetivo – é nessa metáfora da subjetividade, da capacidade de introjetar-se, e descobrir-se, que Ana Maria conquista seu nome. O Vendedor logo se oferece para vender suas quinquilharias. A heroína recusa os badulaques, porque entende que nada lhe falte de material, mas descobre que a troca já foi feita: trocou sua solidão e tristeza por imaginação e alegria. A perspectiva do afastamento da situação-problema, guiada pela curiosidade e pelo lúdico, faz com que Ana Maria esqueça sua solidão. Ora, sendo apenas uma menina, certamente ela não poderá resolver o problema da ausência dos pais no lar. Ela precisa brincar.

E assim se repete na segunda jornada da heroína. Antes, ela volta para casa satisfeita, abrindo os olhos – despertando do processo imaginário. Lá, os pais não percebem nenhuma mudança e continuam a chamá-la de menina. Por isso, logo ela é capaz de encher novamente a bolhinha com sua tristeza e solidão.

Na segunda jornada, a heroína vai parar numa planície longínqua, no meio das montanhas – ainda o espaço indefinido do imaginário –, onde encontra a Amoladora de Facas. A mulher oferece-se para afiar quaisquer objetos cortantes que a menina precise, tornando-os

capazes de cortar qualquer coisa. Ana Maria novamente recusa o serviço, dizendo não ter trazido consigo sua única tesoura sem ponta. Mas a tesoura está lá em seu bolso, sim, como aponta a Amoladora. Ana Maria não sabe, mas possui a capacidade de “cortar o mal pela raiz”; no entanto, essa capacidade é limitada pela sua condição infantil, por isso a tesoura redonda, sem ponta, como quer o pai, que não permite que ela tenha nada afiado. Essa *afiação* representa o discernimento do adulto, sua capacidade lógica de raciocínio, ainda não alcançados pela heroína.

Ana Maria entrega sua tesoura, porque percebe que poderá ajudar os pais, cortando os problemas pela raiz, o que já caracteriza, através desse seu pensamento, uma entrada para a alteridade. Reforçando essa idéia está o fato de que Ana Maria percebe que a música da afiadora não lhe é estranha, como se já tivesse ouvido antes – e ouviu, no mundo real. A Amoladora explica-lhe que ela poderá espantar o mal, mandá-lo embora, assoprá-lo pelos ares. Novamente, a perspectiva infantil de resolução do conflito: afastar o problema, através da imaginação e do lúdico, mas não extingui-lo. Ana Maria precisa soprar sua solidão pelos ares, com as bolhinhas de sabão.

Na terceira e última jornada, muda o território de chegada da personagem; dessa vez, ela vai para o alto, para as nuvens, o que demonstra, em se tratando de uma viagem interior, a tomada de profundidade, o exercício do imaginário numa perspectiva diferente, de maior afastamento da realidade. Esse afastamento se dá em relação aos pais, necessário para a conquista da alteridade, e agora ocorre por iniciativa da própria personagem, sinalizando que ela está pronta para aprender. A heroína começa a assumir o arquétipo do Mago.

Lá, onde a atmosfera é diferente, e seus passos permitem voar, Ana Maria encontra o Paneleiro, que lhe explica de sua atividade: tapar buracos. Novamente a menina recusa o serviço, por não ter nenhum buraco que precise ser fechado. E novamente o Paneleiro lhe indica o dedal que ela, sem saber, traz na sacola, pedindo que ela verifique através do furo. Ao olhar pelo buraco do dedal, Ana Maria enxerga seu problema: os pais conversando sem lhe dar a mínima atenção. Nesse momento, ela verbaliza a falta que se repete, de sua insistência em falar com eles sem nunca ser ouvida. A frase que ela repetia, observada através do dedal, é a mesma, o pedido para viajar nas férias.

O paneleiro explica à menina que tapar buracos não significa esconder as coisas, mas enxergá-las de outro modo. Assim, depois que ele fecha o *pequeno* buraco do dedal, Ana Maria olha novamente, pelo outro lado, e enxerga outra situação. Dessa vez, seus pais a escutam e conversam com ela, mas, ao seu pedido de férias, não dizem sim nem não. E a chamam pelo nome.

A heroína alcança o arquétipo do Mago, cujo propósito é a autenticidade, a totalidade, o equilíbrio. Na perspectiva dessa heroína criança, a alteridade é alcançada: Ana Maria não é apenas vista pelos pais, mas percebe-os também. Não é a resposta deles que se modifica, já que eles sempre prometem a viagem, mas é a menina que aprendeu a enxergar o problema de outra forma. Ela compreende que não é culpa dos pais eles não poderem viajar com ela, mas da demanda do trabalho. Será que eles realmente estão há tanto tempo sem tirar férias, ou era a menina que ainda não sabia lidar com o outro, com o tempo, com a realidade? Não é a situação que se modifica, já havia explicado o Paneleiro, mas a gente que vê por outro lado. Esse outro lado é o outro – os pais – que Ana Maria passa a considerar.

Dessa forma, em vez de viver repetindo sua própria vontade, ela é quem passa a ouvir a justificativa dos pais, agora na esperança real de que se possa concretizar, se ela souber esperar a sua vez. A tarefa do Mago é atingida, a alegria e a aceitação, através de um aprendizado lúdico, pelo prazer e pela curiosidade.

Pronta para voltar ao real, conquistada sua identidade através da socialização e da alteridade, a heroína encontra os pais esperando-a, renovando as promessas de uma viagem de férias, agora numa perspectiva mais concreta. Ana Maria ouve o apito da afiadora, para quem sua mãe se dirige, e vê o vendedor perambulando pela rua a anunciar suas quinquilharias: real e imaginário se encontram ao término da jornada. A nuvem se fecha no céu, escondendo o brilho de metal do paneleiro.

O final feliz, de um lado, cumpre o contrato de comunicação da Literatura Infantil e Juvenil, apresentando uma perspectiva de esperança, de possibilidade. De outro, não resolve o problema sob um ponto de vista adultocêntrico, à medida que insere uma solução à altura da criança e de suas possibilidades. A heroína faz sua jornada através do imaginário, mas alcança seu objetivo numa perspectiva realista.

Os pais, nessa mesma concepção, não são vilões, mas também vítimas da máquina social. Ainda que afastados do convívio com a filha, alienados de seu crescimento, fato atualmente tão comum, a história mostra a vontade que eles têm de reverter essa situação. O individualismo de Ana Maria pode não ser apenas uma característica imanente ao egocentrismo natural de sua idade, mas também causado pela ausência do outro, por sua solidão, pela falta de alguém que intermedie sua relação com a sociedade, promovendo sua socialização, e, conseqüentemente, a conquista de uma identidade – que só existe na medida do outro.

Ana Maria representa a heroína-criança de seu tempo, ainda bem próximo deste. Não é mais uma princesa que espera o príncipe encantado, mas tampouco precisa de uma varinha de

condão ou dos superpoderes de outras meninas mais famosas. Não é mais admirada pelo que é capaz de sofrer, mas também não precisa provar nada de extraordinário. Resolve seus problemas na medida em que lhe cabe, de forma lúdica – através do imaginário –, e de forma realista – através de seu aprendizado. Não é um poço de virtudes e nem precisa de grandes vilões para mostrar a que veio. Nem heroína individual, nem parte de um grupo, mas a representação de um indivíduo inserido em determinado grupo e contexto, encabeçado pela família.

Ana Maria regressa ao seu âmbito, a família, e ali retorna ao arquétipo do Inocente: dá a mão aos pais, confiante, e verifica em seu bolso a presença da canequinha em que ela faz bolhinhas de sabão. Afinal, ela ainda é uma criança, há muitas jornadas pela frente, sabe-se lá que tipo de trajetória ela ainda percorrerá como heroína de si mesma.

### **Referências**

- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 2006.
- BAKHTIN, Mikhail. Epos e romance. In: *Questões de literatura e de estética*. São Paulo: HUCITEC, 1990.
- CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Cultrix, 1995.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2002.
- COELHO, Nelly Novaes. *Panorama histórico da literatura infantil juvenil*. São Paulo: Ática, 1991.
- HOHLFELDT, Antonio. *A menina das bolhinhas de sabão*. Porto Alegre: FTD, 1997.
- OLIVEIRA, Ieda de. *O contrato de comunicação da literatura infantil e juvenil*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- PEARSON, Carol. *O herói interior*. São Paulo: Cultrix, 1997.
- PIAGET, Jan. *A epistemologia genética*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 1994.